

# A COMOVENTE HISTORIA DE HELENIRA

Reportagem de

Reportagem de

Julio Cesar Garcia

de 1972.

quando

da A

de lous

guerrilha e re-

do Exército

das inimigas e os vários reveses an-

teriores levam o Exército a manob-

ras com redobrada cautela. E Hel-

pas inimigas e os vários reveses an-

teriores levam o Exército a manob-

ras com redobrada cautela. E Hel-

lenira vai ser surpreendida em seu

posto. Seu companheiro avista os

soldados. Tenta atirar para alertá-

los. Sua espingarda falha. Ele foge e

vai avisar o Destacamento. Helenira

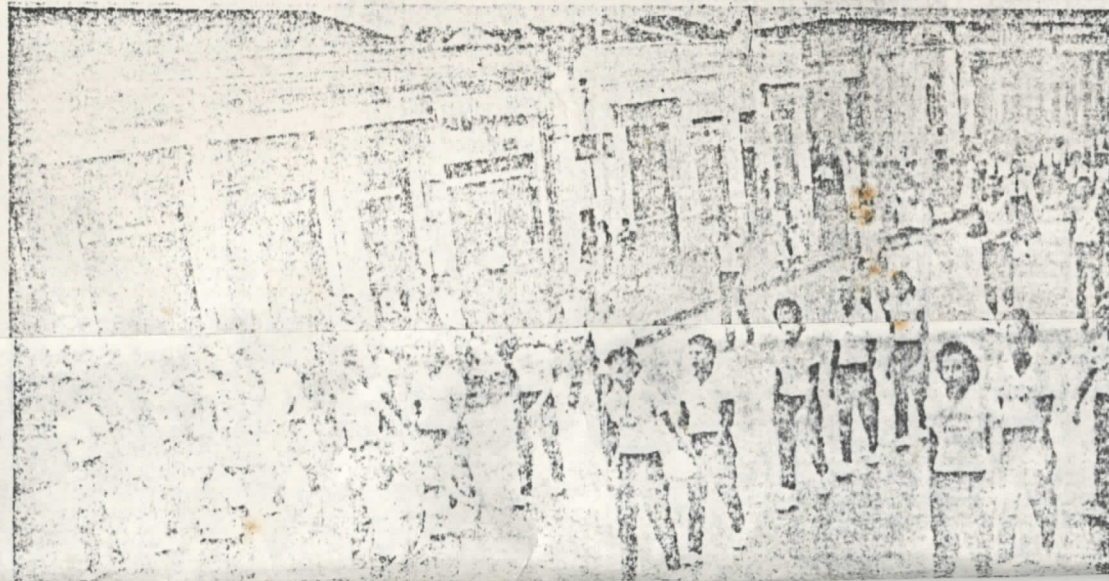
é cercada. Os soldados estão diante

dela apontando metralhadoras.

No dia 29 de setembro de 1972, o Destacamento A — um dos três destacamentos formados pelos guer-

rilheiros nas selvas do Araguaia — vê-se obrigado a se deslocar. As tropas do governo vasculham a região. É necessário que dois combatentes montem guarda em um ponto alto

da mata densa para garantir a retirada, dando alarme caso o Exército se aproxime. Helenira oferece-se para ser um dos vigias. O pânico que os guerrilheiros inundam nas tro-



No aniversário do Instituto, em 1957, Helenira é a segunda na primeira fila à direita.

# 1. Doutor Nazareth, o pai de Helenira

Quando sai pelas ruas de Assis em busca de depoimentos sobre Helenira, pretendia falar brevemente de seu pai, um médico que me parecia estimado pelo povo humilde da periferia. Inicialmente, descobri que ele é mais que estimado, é quase venerado. Em segundo lugar, não é só na periferia. Seu vulto cresceu muito naquela semana em que ouvi dezenas de pescas. Por isso, estendendo-me um pouco mais sobre as histórias que contam dele. Sua biografia, detalhada, comovente às vezes, ficará para outra oportunidade. Por ora, apenas um resumo antes de voltar à história de Helenira.

Doutor Adalberto de Assis Nazareth chegou a Assis no início dos anos 40. Na década anterior, saíra de Bahia para Cerqueira César, aqui mesmo no Interior de São Paulo. Antes de se formar em medicina fora marceneiro. Consta que estudou, com alguma profundidade, a teoria marxista. Acreditava que a humanidade caminha inevitavelmente para o socialismo. Entretanto, um dado importante merece destaque. Quem conta é Jairo Mota, que fazia da sua Farmácia Avenida um "departamento" do "consulcado baiano", instalado no consultório do também baiano dr. Gerson de Almeida.

— Certa feita, veio para Assis um jovem médico. Era filho, dizia-se, do dirigente comunista Maurício Grabois. Em uma das nossas conversas, esse médico disse ao Nazareth: "Você não é marxista. Você é um humanista". E acrescenta Jairo Mota:

— As tendências marxistas do Nazareth eram notórias, mas, sem

dúvida, o Dr. Grabois tinha alguma razão, pois o Nazareth jamais aceitou ou compreendeu o materialismo histórico.

Dr. Nazareth, em Assis, era conhecido como médico pobre, médico dos pobres. Na vila Adileta encontrei uma viúva, d. Olga, 78 anos, que fez questão de ressaltar:

— Foi o único médico de Assis que não teve carro, não teve casa própria e, às vezes, passava as mesmas dificuldades que nós. — Esse depoimento é confirmado por vários outros. Um deles, de alguém que pediu para não ser identificado, diz:

— A família chegou a tal situação que veio nos pedir auxílio para poder pagar aluguel e comprar alimentos.

Dr. Nazareth trabalhava dia e noite na Santa Casa, no Hospital Sorocabana e em seu consultório. O único horário que destinava a clientes de maiores posses era das 14 às 16 horas.

— Assim mesmo — conta-me um ex-cliente dele, que também preferiu o anonimato — a metade não pagava porque mesmo tendo um horário curto para os mais ricos, os pobres enchiam o seu consultório. E ele jamais deixou de atendê-los.

Nicolino de Chico Nobre, professor aposentado, emociona-se quando se lembra da figura, da personalidade e do humanitarismo do médico:

— Quem o conheceu sente uma saudade imensa desse homem inigualável.

Outro professor, Charles Fraga Moreira, ex-diretor do Instituto de Educação Clybas Pinto Fertaz, me comoveu com seu depoimento. Interrompeu várias vezes a conversa, passando as mãos pelo rosto, limpando desajeitadamente lágrimas inesperadas:

— Eu gostava demais dele. Quando morreu, não tinha o dinheiro do caixão. Não sei se um homem pode ser santo, mas se puder, esse o é. No Recanto dos Balanos, a farmácia do Jairo, ele sempre dizia que queria

morrer após ajudar uma criança a nascer. Pois não é que aconteceu justamente isso? Ele assistia a um parto da esposa do reverendo Abel do Amaral Camargo (conhecido pastor protestante) e quando acabou de cortar o cordão umbilical, chamou o assistente e avisou que não se sentia bem. E faleceu pouco depois. O reverendo Abel registrou o menino com o nome de Adalberto Nazareth de Almeida Camargo — concluiu o professor Charles, com a voz entrecortada por soluços que me deixam sem saber o que dizer. Reconheço, apenas, que é difícil para mim entender como um homem que morreu em 1965 ainda possa emocionar tanto as pessoas que o evocam.

Se alguns católicos concordam que dr. Nazareth possa ser um santo, os espíritas garantem que ele é um "espírito de luz", que desce aos "centros" para continuar ajudando seus irmãos necessitados. A umbandista mais conhecida da região, d. Maria Francisca, uma preta muito amável, com seus 82 anos, cabelos

inteiramente brancos, confirma a esta última versão, mesmo não sendo espírita. E conta um caso recente:

— Outro dia o dr. Rubens Tucunduva estava fazendo uma operação difícil e, como ele é espírita e vidente, virou-se para a enfermeira e disse-lhe: Afaste-se um pouco porque o Nazareth está aí e quer nos ajudar.

Outros dizem que tudo tem origem no amor que ele dedicava aos pobres. Por isso, a multidão que acompanhou seu enterro foi uma das maiores da história de Assis.

Acabaram-se as flores da cidade — contou-me a lavadeira Rosária, 61 anos, ex-residente na favela do Lucrécio e que, ainda hoje, mora próxima ao antigo "buraco". — Nós descia para o velório arrancando todas as flores que encontrava. Entrava nos jardins das casas, invadia os canteiros das praças, levava tudo. Os pobres não tem como agradecer. Só levando flor.

# 2. Helenira, estudante e atleta em Assis

A professora Loyde de Almeida Fraga Moreira lembra-se muito bem das filhas do dr. Nazareth:

— Eram, todas, alunas que se destacavam, alunas muito comunicativas. Helenira era brilhante. O tipo da aluna — nota cem. (Na época, as notas variavam de 0 a 100).

D. Loyde lecionou geografia no Instituto de 1951 a 1973.

— Nunca qualquer professor ou colega fez qualquer queixa dessas meninas. Eram alunas exemplares, mas nunca se julgaram superiores às colegas. — E continua a professora: — O dr. Nazareth era excelente pai, excelente esposo, mas acho que tinha lá suas ideias de esquerda. As filhas foram criadas sob essa influência. Mas, o interessante é que Helenira, por exemplo, nunca demonstrou ou manifestou gratuitamente sua posição política. Era diferente de alguns alunos esquerdistas que viviam fazendo perguntas com base em teorias mal-digeridas. Esses que faziam questão de marcar uma posição de esquerda, eu os encontro a todo instante bem de vida, sem qualquer preocupação social mais conseqüente. São todos funcionários do governo ou profissionais liberais bem-sucedidos e acomodados.

O depoimento de d. Loyde Fraga Moreira é confirmado por uma conversa que o dr. Nazareth teve, no início dos anos 60, com seu amigo Jairo Mota. Dizia o médico, então:

— Note em Helenira uma preocupação muito grande com a sorte dos injustificados, dos menos favorecidos. E por causa disso, ela tem se dedicado a leituras marxistas, no estudo das contradições entre as classes sociais. — E em outra oportunidade, dr. Nazareth confidenciava: — Helenira vem desenvolvendo um grande espírito de liderança. E está se revelando grande oradora.

Jairo Mota confirma que havia nessas confidências um indistigável orgulho.

A professora Coraly e seu marido Loudomiro Carneiro (Mirim) — que fizeram do Barquetebá quase um sacerdócio por mais de duas décadas em nossa cidade — também se lembram de Helenira.



José Genjino Neto, que esteve com